

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Lucas Chaves Varela

STUART HALL E A SOCIOLOGIA BRASILEIRA: REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES
RACIAIS E TRANSFORMAÇÕES METODOLÓGICAS

São Carlos

2023

Lucas Chaves Varela

STUART HALL E A SOCIOLOGIA BRASILEIRA: REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES
RACIAIS E TRANSFORMAÇÕES METODOLÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Ciências Sociais na
Universidade Federal de São Carlos.

Orientação: Profa. Dra. Priscila Martins de
Medeiros

Financiamento: Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico

São Carlos

2023

Modelo de ficha catalográfica
Elemento obrigatório (fazer depois da avaliação)
<http://www.bls.ufscar.br/servicos-informacoes/ficha-catalografica>

[Este TCC é uma síntese de uma iniciação científica feita em 2021 e foi escrito como um artigo científico visando a sua publicação posteriormente]

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCAS CHAVES VARELA

STUART HALL E A SOCIOLOGIA BRASILEIRA: REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES
RACIAIS E TRANSFORMAÇÕES METODOLÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Ciências Sociais na
Universidade Federal de São Carlos. São
Carlos, __ de _____ de 2023.

Orientador(a)

Dr. (a) Priscila Martins de Medeiros
Universidade Federal de São Carlos

Examinador(a)

Dr. (a) Nome Sobrenome
Instituição a que pertence

Examinador(a)

Dr.(a) Nome Sobrenome
Instituição a que pertence

RESUMO

VARELA, Lucas. **Stuart Hall e a Sociologia Brasileira: Reflexões sobre Relações Raciais e Transformações Metodológicas**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, *campus* São Carlos, São Carlos, 2023.

Neste trabalho foi feita uma investigação das contribuições teórico-metodológicas do autor britânico-jamaicano Stuart Hall para a Sociologia Brasileira recente no que concerne ao tema das relações raciais. Tendo como base teses e dissertações nacionais defendidas entre os anos de 2010 a 2021, partimos da proposta de que há uma ruptura metodológica entre a tradição do pensamento racial brasileiro do século XX e a produção sociológica contemporânea. Como objetivo central, buscamos investigar a influência do autor pós-colonial na produção sociológica de teses e dissertações defendidas na última década. Utilizamos o método de pesquisa documental junto com a técnica de análise de conteúdo para sistematização e análise do material coletado. Nos baseamos em conceitos-chave introduzidos por Hall, como *identidade*, *sujeito descentrado* e *articulação*, juntamente com as noções de *diferença* e no *rizoma* como modelo de pensamento propostos por Deleuze e Guattari. Observamos que ao utilizar o esquema teórico de Hall os trabalhos de sociologia adquirem uma perspectiva imanente das categorias de raça. O estudo conclui que ao recepcionar a sociologia de Stuart Hall, os pesquisadores contemporâneos adquirem um descentramento em potencial para a Sociologia Brasileira: não só da ideia de raça, mas também do seu método ao incorporar uma ética imanente no fazer sociológico.

Palavras-chave: Sociologia Brasileira; Teoria Social; Stuart Hall; Pós-Colonial.

ABSTRACT

VARELA, Lucas. **Stuart Hall and Brazilian Sociology**: Reflections on Racial Relations and Methodological Transformations. 2023. Bachelor's Thesis (Bachelor of Social Sciences) - Federal University of São Carlos, São Carlos Campus, 2023.

In this essay, an investigation was conducted into the theoretical and methodological contributions of British-Jamaican author Stuart Hall to recent Brazilian Sociology, particularly concerning the theme of racial relations. Based on national theses and dissertations defended between the years 2010 and 2021, we begin with the proposition that exists a methodological rupture between the tradition of Brazilian racial thought from the 20th century and contemporary sociological production. The central objective is to investigate the influence of the post-colonial author on the sociological production of theses and dissertations defended in the last decade. We employed the documentary research method in conjunction with content analysis techniques for the organization and investigation of the collected material. Our foundation lies in key concepts introduced by Hall, such as *identity*, *decentered subject*, and *articulation*, along with the notions of *difference* and the *rhizome* as a thought model proposed by Deleuze and Guattari. It is observed that by employing Hall's theoretical framework, sociological works acquire an immanent perspective on racial categories. The study concludes that by embracing Stuart Hall's sociology, contemporary researchers attain a potential decentering within Brazilian Sociology: not only in relation to the concept of race but also concerning methodology, by incorporating an immanent ethical dimension into sociological practice.

Keywords: Brazilian Sociology; Social Theory; Stuart Hall; Post-Colonial.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: do Cânone ao Pós-Colonial.....	8
2.1 Stuart Hall.....	11
3 METODOLOGIA.....	12
4 RESULTADOS: uma cartografia conceitual.....	14
5 DISCUSSÃO: o problema do sujeito e a identidade.....	22
5.1 Sujeito Descentrado e o Rizoma.....	23
6 CONCLUSÃO.....	30
7 REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordaremos a relação do pensamento Pós-Colonial na produção de Sociologia Brasileira Contemporânea. É importante ressaltar que essa problemática emerge da crescente popularização de um movimento de descolonização das ciências nas últimas décadas (CONNELL, 2018). Sendo assim, o nosso problema segue no bojo de um movimento de descolonização da sociologia em relação à uma tradição do pensamento social já estabelecido. O que nos coloca já de antemão algumas tarefas de categorização.

A primeira é lidar com o que chamamos de tradição sociológica ou “cânone” brasileiro, que por si só é quase como uma denominação genérica, em termos descritivos, por se tratar de um aglomerado de autores e perspectivas distintas entre si. Entendemos por cânone os autores que figuram no “hall” da sociologia brasileira e nas ementas dos cursos de ciências sociais e, mais especificamente, de sociologia. E que, portanto, são tidos como incontornáveis nas discussões raciais e da teoria social do ponto de vista nacional. Um outro problema é também a denominação do que chamamos de Pós-colonial, termo que é usado como guarda-chuva para diversas frentes: movimentos políticos, artísticos e acadêmicos. E aqui assumimos Stuart Hall (1932-2014), sociólogo jamaico-britânico, como um representante acadêmico deste movimento, dada a sua contribuição política e teórica sobre as questões raciais na Inglaterra, onde consolidou a sua carreira acadêmica.

A nossa segunda tarefa – dado que o enfoque da nossa pesquisa é a produção contemporânea de sociologia sobre relações raciais, é delimitar qual produção acadêmica estamos tratando. Nos propusemos a analisar as teses e dissertações que constam na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A busca foi feita através das palavras-chave "relações raciais" nos Programas de Pós-Graduação de Sociologia no recorte temporal de 2010-2021, selecionando apenas os trabalhos que tinham alguma citação de Stuart Hall.

Na primeira seção do texto tentaremos enfrentar os problemas de definição do “cânone” assim como do que chamamos de Pós-Colonial, enaltecendo as especificidades do pensamento de Hall. Na segunda parte faremos a discussão metodológica, dos seus usos e possibilidades. Por fim exploraremos os resultados e os discutiremos à luz da filosofia da diferença.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: do Cânone ao Pós-Colonial

Quando falamos das Ciências Sociais na América Latina, deparamo-nos com um obstáculo intransponível para a discussão: a modernidade. Desde o surgimento da disciplina nos solos europeus até as primeiras produções sociológicas no Brasil, a questão da modernidade tem exercido um papel crucial na história do pensamento sociológico no *Novo Mundo*. No início, a produção de conhecimento social voltada para regiões não europeias foi regida por atribuições da antropologia ou aos estudos etnológicos, resultando em uma dicotomia fundamental entre civilizados e não civilizados.

Essa abordagem de conhecimento nas Américas se baseava na concepção de "natureza incivilizada", onde tudo que estava fora do "Ocidente" era considerado destituído de história. Essa dicotomia acabou estabelecendo a diferenciação entre sociologia e antropologia, com a primeira sendo praticada na civilização e a segunda nos povos considerados "bárbaros". Desse modo, a produção antropológica foi consolidada como o alicerce inicial da produção de conhecimento em terras americanas.

Neste contexto, a raça surge então como significante que justifica essa disparidade civilizatória; é a biologia com o seu racismo científico que sustenta, nesse primeiro momento, a tese de diferenciação entre o ocidente e o resto, a dicotomia *west/rest* (HALL, 1992).

O que chamamos de Sociologia Brasileira surge no final do século XIX início do XX, período que sucedeu o que se convencionou chamar de romantismo brasileiro. O pensamento brasileiro na época vai ancorar-se nas noções de meio e raça como base epistemológica (ORTIZ, 1994, p. 15). No final do século XIX nos deparamos com as primeiras produções acadêmicas a despeito da questão racial conhecidos pelo nome de "estudo de negros" (SCHWARCZ, 1999). Na produção acadêmica de Nina Rodrigues, um exemplo da intelectualidade, junto também de Sílvio Romero e Oliveira Viana, encontramos afirmações tais como "a mestiçagem traria a falência da nação, sua suprema degeneração" (SCHWARCZ, 1999, p. 273) que demonstra uma convergência entre a ideia de uma nação bem sucedida e a raça, ou uma correlação entre civilidade e racialidade.

Há uma mudança no programa de pesquisa nacional a partir da década de 1930: alguns autores (SCHWARCZ, 1999; GUIMARÃES, 2003; ORTIZ, 1994) vão demarcar a semana de arte moderna de 1922 como marco dessa mudança, outros (COSTA, 2019) vão dizer que a

recepção do trabalho do antropólogo americano Franz Boas (1858-1942) dará novos contornos à ideia de avanço civilizatório no sentido de que não haveria mais dúvidas de que a modernidade europeia seria o modelo de civilização mais desenvolvida e avançada.

Segundo a teoria boasiana, o motivo de a Europa ser o centro civilizatório, no singular, por excelência, se deve não a fatores biológicos, mas às características históricas (BOAS, 1969[1904]). Para Costa (2019), isso leva a um giro nas pesquisas a respeito da modernidade na América Latina, e por consequência no Brasil, mudando o seu foco para além da biologia em direção a pesquisa de processos culturais, sociais e políticos que possam ter “atrasado” a modernização.

A publicação do livro de Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala* (1933), pode ser vista como um marco inicial para o qual os modernistas vão perseguir uma nova ideia de Brasil e do povo brasileiro. Com a virada do século engendra-se o mito das três raças, que sugere uma origem comum no qual se irradia à história, uma ideologia que relata a fusão das três raças nos “laboratórios das selvas tropicais” (ORTIZ, 1994, p. 38).

O mestiço ocupa um papel central entre os autores modernistas, em que passa de motivo de fracasso nacional (em relação aos eugenistas) para símbolo da unificação da identidade nacional. Para alguns autores a obra de Freyre alcança o papel de “gênese da nacionalidade” apesar de um processo de “desafricanização” de elementos culturais, simbolicamente clareados (SCHWARCZ, 1999, p. 277). Outros ainda creditam ao autor a suposta “solução” do problema da identidade nacional ao permitir com que todos se reconheçam como nacionais, contudo com o ônus de encobrir os conflitos raciais (ORTIZ, 1994, p. 44). “Resolvidos” os problemas raciais, abrem-se agora novas possibilidades de explicações para a tal corrida pelo progresso ou modernidade; Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda são os autores de maior destaque desse período.

O debate da teoria da modernização ainda se segue nas décadas posteriores, contudo organizada em torno de novas formulações teóricas. É importante perceber que a discussão racial e os debates sobre a trajetória nacional estão intrinsecamente imbricados. Falar sobre racialidade e identidade nacional dentro da sociologia é, como afirma Manuela Carneiro Cunha (1986, p.7), realizar uma reflexão *no* Brasil e *do* Brasil.

Já na década de 1960 houve uma renovação do debate da modernidade com a emergência da chamada teoria da dependência. Essa abordagem teórica destacou-se por explorar a relação entre desenvolvimento e subdesenvolvimento, questionando a noção de que todos os países poderiam seguir uma trajetória semelhante de modernização. Um dos grandes

nomes brasileiros associados a essa corrente é o sociólogo Florestan Fernandes, cujo livro "A integração do Negro na sociedade de classes" (1965) tornou-se uma referência importante para as discussões sobre a questão racial nos anos 1960. Fernandes apresentou uma posição de contraponto em relação a Gilberto Freyre na Sociologia Brasileira, rompendo com o ideal unitário racial previamente estabelecido. Em vez disso, ele corrobora com a posição do movimento negro dos anos 1930, ao reconhecer a persistência do preconceito racial mesmo sob a aparente égide da democracia racial.

Fernandes via um funcionalismo no racismo que cumpria como legitimador da ordem social durante o Brasil colônia, contudo a transição para uma sociedades de classes faria com que o racismo se tornasse um elemento arcaico, irracional, uma herança do passado. Para Florestan, "[...] a ascensão social do negro e do mulato se processou, está se processando e se processará no futuro" (FERNANDES, 1965, p. 274). A presença do racismo para o autor não resistiria ao devir da modernidade, não impediria a integração do negro na sociedade, apenas o retardaria. Ele concebia que o racismo tinha a sua gênese no escravismo, e que pelo contrário, este seria produto das relações assimétricas no sistema escravista e não a sua fonte.

Fizemos até aqui uma breve apresentação daquilo que entendemos como autores canônicos do pensamento social brasileiro. O intuito desta seção não é aprofundar minuciosamente o pensamento de cada um dos autores citados, mas sim "dar nome aos bois", ou nomear aquilo que entendemos como pensamento hegemônico quando se trata da sociologia das relações raciais. Outro motivo é perceber como as categorias analíticas dos autores funcionam majoritariamente de forma metafísica e não possuem lastro na realidade; não fazem uma crítica ao tráfico de pessoas no Atlântico, não reconhecem a história, expressões artísticas e culturais e nem mesmo a língua das pessoas escravizadas. Toda uma diversidade de pessoas extremamente heterogêneas são artificialmente conjugadas nas palavras "negro" ou "mestiço". Não há qualquer lastro de realidade na construção destas identidades: são produtos artificiais assim como a ideia de estado-nação como afirma Hall (2006).

Dessa forma, pensamos que é de suma importância buscar novas perspectivas sociológicas que não sofram da síndrome da unificação nacional, da busca da modernidade e dos avanços mirabolantes do mundo Ocidental. É em cima dessa problemática que propomos os estudos Pós-Coloniais como uma fonte crítica às epistemologias imperialistas e unificadoras.

A Escola Pós-Colonial, assim como o cânone da Teoria Social Brasileira, não constituem uma unidade coerente e homogênea; ao contrário, aglomeram perspectivas com

algum ponto em comum. Seja o debate racial, a identidade nacional e a modernidade, no cânone, seja o esforço de desconstrução dos essencialismos e a crítica às concepções dominantes de modernidade, nos pós-coloniais. Iniciados por intelectuais da diáspora, provenientes de países periféricos, mas que residem na Europa ou na América do Norte, os estudos pós-coloniais tiveram início na crítica literária dos anos 1980 e posteriormente se expandiram para outras disciplinas. Entre as referências importantes nessa área estão os trabalhos de autores como Homi Bhabha, Edward Said, Gayatri Chakravorty Spivak, Stuart Hall e Paul Gilroy.

No caso da sociologia ou da teoria social, a lente pós-colonial corrobora com debates estruturalistas e pós-estruturalistas de que toda forma de enunciação parte de um lugar. Nesse sentido, o prefixo ‘pós’ não se refere à uma temporalidade, como se fosse uma sucessão linear de um movimento antitético, mas antes busca desvelar a narrativa uníssona da história colonial; demarca que narrativas modernistas estão geográfica e politicamente localizadas, e que não constituem a verdade última sobre o mundo. Confrontar o império não só a respeito da sua barbárie histórica, mas também das lógicas que sustentaram e justificaram tais atos, e que ainda hoje se encontram vigentes. O trabalho da crítica pós-colonial é desfazer os pseudo universalismos e traçar o Ocidente como apenas mais uma das províncias do mundo. Dessa maneira escolhemos privilegiar o projeto intelectual de Stuart Hall como porta para adentrarmos a Teoria Social Pós-Colonial.

2.1 Stuart Hall

Stuart Hall nasceu em 3 de fevereiro de 1932 na Jamaica. Era o caçula de três irmãos, seu pai tinha um alto cargo na *United Fruit Company* jamaicana, enquanto sua mãe, criada por parentes ligados à elite colonial, tinha aspirações aristocráticas. Estudou na melhor escola de Kingston, onde se tornou antiimperialista e independentista por influência de colegas e professores; em 1951 desembarca na Inglaterra para iniciar a sua graduação de Letras de Língua Inglesa na Universidade de Oxford, fruto de uma bolsa de estudos (LAWLEY, 2000; SOVIK, 2015).

Hall se mudou para Londres em 1957, onde começou a dar aulas. Nos anos 1960, o pós-guerra cria as condições na qual acontece o boom da indústria cultural, o universo da mídia e da cultura de massas: temas que foram objeto dos primórdios dos Estudos Culturais, fundado no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos na Universidade de Birmingham em 1964 e que foi dirigida por Hall de 1968 a 1979. Em 1979 mudou-se para a Open

University, onde ficou conhecido pelas transmissões das suas aulas pela televisão. Somente nos anos 80 que Hall coloca a questão da identidade racial no centro do seu interesse. Em meados dos anos 90 é que o autor foca na identidade para descrever processos coletivos que *suturam* necessidades subjetivas, dados contextos sociais e políticos. E é nessa mesma década que Hall publica *The Question of Cultural Identity* (1992) e *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* (1997); livros nos quais aciona a noção derridiana de *différance* para pensar a situação diaspórica e não razões econômicas, como a maioria de sua época. Se aposentou da Open University em 1997 (SOVIK, 2015). Em 2014, aos 82 anos, no dia 10 de fevereiro morre Stuart Hall, contudo envolvido com colegas na produção de uma crítica ao neoliberalismo em seu momento atual.

3 METODOLOGIA

Nossa metodologia foi pensada partindo de duas principais necessidades para cumprir com nossos objetivos: (1) primeiramente, capturar a produção sociológica brasileira recente na temática das relações raciais; (2) analisar e sistematizar este primeiro *corpus* de trabalho com o nosso autor de referência, Stuart Hall, a fim de ter meios de perceber a influência do pensamento pós-colonial na produção contemporânea de sociologia. Além disso, buscamos (3) problematizar e discutir esse material para chegar a conclusões sobre como a sociologia é conduzida e quais categorias analíticas são mobilizadas para pensar a questão racial atualmente.

Para alcançar o primeiro objetivo, optamos pela pesquisa documental como método para coletar a contribuição do autor nos trabalhos de sociologia. Como mencionado anteriormente, realizamos uma busca no acervo on-line da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando as palavras-chave "relações raciais" e limitando o período de 2010 a 2021. Essa escolha foi baseada na definição do nicho acadêmico que buscamos abordar, uma vez que Stuart Hall é amplamente citado em diferentes campos do conhecimento, como nas ciências da comunicação, jornalismo e mídias, que não fazem parte do escopo de nosso estudo sobre relações étnico-raciais e sociologia.

Foram encontrados 53 trabalhos – entre teses e dissertações – de sociologia sobre relações raciais na última década, dos quais 23 citavam Stuart Hall em sua composição; cerca de 43% dos trabalhos acadêmicos de sociologia mais recentes referenciam Hall de alguma maneira. É partindo desses 23 trabalhos que construímos um corpo de trabalho para análise.

Com o objetivo de realizar uma análise qualitativa da recepção do autor, optamos pela técnica da Análise de Conteúdo (TRIVIÑOS, 1990). Nossa unidade básica de análise consistiu nas citações diretas e indiretas de Stuart Hall nas teses e dissertações, bem como nos parágrafos anteriores e posteriores a essas citações. Nosso foco central foi nos conceitos utilizados e em seus usos na construção das argumentações, refletindo o arcabouço teórico de Hall.

Durante a análise, também nos dedicamos a notificar a diversidade de obras de Stuart Hall empregadas pelos pesquisadores em seus trabalhos, com o intuito de identificar as obras de maior impacto e influência para a sociologia das relações raciais. Embora tenhamos realizado a leitura completa das obras, nossa ênfase esteve na problematização das proposições dos autores analisados, concentrando-nos em suas mobilizações conceituais, nas citações e em seus modos de uso das mesmas.

É muito relevante também destacar a nossa localização dentro do arcabouço teórico de Stuart Hall, especialmente nas obras publicadas no Brasil, como “Da Diáspora: identidades e mediações culturais” (2003) e “Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (2006). Além disso, é essencial considerar obras que não foram traduzidas para o português, sendo que a maior parte da produção intelectual de Hall se enquadra nessa categoria. Um exemplo notável é o livro “Representation: Cultural Representation Signifying Practices” (1997). A análise aprofundada dessas obras permite o reconhecimento conceitual e crítico do autor, especialmente em relação a conceitos centrais como *sujeito-descentrado*, *diáspora* e *articulação*, que estão no cerne do pensamento pós-colonial.

Dando ênfase na importância dessas obras, a nossa pesquisa torna-se mais robusta e embasada, permitindo conclusões mais substanciais sobre como a sociologia tem abordado a questão da raça na última década. Além disso, ao conectar as ideias de Hall com o contexto brasileiro, é possível enriquecer ainda mais a discussão sobre as relações raciais e suas implicações na sociedade brasileira. O cerne das considerações seguintes, tendo como objeto a análise dos trabalhos selecionados, serão os usos conceituais de Hall e a maneira como os pesquisadores expressam as suas colocações.

4 RESULTADOS: uma cartografia conceitual

Durante a análise, concentramos nossos esforços em sintetizar a respeito do corpo de trabalho analisado por meio de uma categorização imanente. Isso significa que as categorias foram criadas com base nas próprias referências e conceitos que emergiram da análise, sem

serem pautadas por outras fontes externas. Diversas formas de apropriação da produção acadêmica de Stuart Hall foram observadas ao longo da pesquisa, e destacamos as maneiras mais interessantes e recorrentes durante esse processo, sendo elas:

- (1) Referências Principal: dentro da unidade de análise (citações e parágrafos anteriores e posteriores) existe apenas a referência ao autor ou possui uma maior ênfase argumentativa na sua citação por parte do pesquisador que a utiliza; principais conceitos: *sistema/regime de representação, identidade/identificação, práticas discursivas, sujeito descentrado, sujeito como categoria enunciativa.*
- (2) Referência Secundária: na unidade de análise encontram-se para além do Stuart Hall autores da escola pós-colonial como Homi Bhabha, Avtar Brah, Frantz Fanon, ou pós-estruturalistas como Michel Foucault e Jacques Derrida; principais conceitos: *diferença/différance, diáspora, estereotipização /fixação /redução, discurso nacional, identidade sob rasura, posição de sujeito, racialização, dispositivo discursivo.*
- (3) A categoria “nuvem” de autores: a citação do autor se encontra entre uma miríade de outros autores associados aos estudos culturais, da educação, sociologia brasileira das relações raciais e músicos brasileiros.
- (4) Hall comentador: a citação do autor não necessariamente evoca algum conceito ou uma direção metodológica. O autor é acionado enquanto comentador de um outro, como Fanon, Du Bois, Foucault, Derrida.
- (5) Citação diminuta: anuncia-se um conceito de forma breve e circunscrita, dando ênfase a um único aspecto do conceito de Hall.

Com a construção de categorias que aglomeram os trabalhos é possível perceber alguns padrões dos usos tanto dos conceitos como das obras do autor.

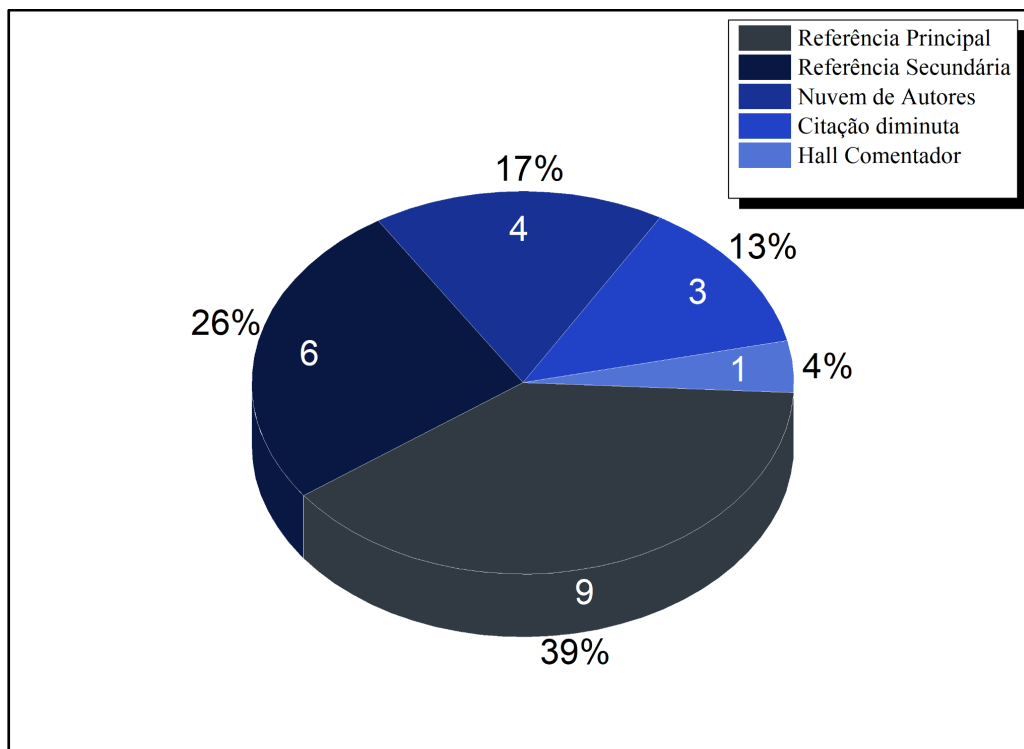


Figura 1: Distribuição das teses e dissertações que mencionam Hall por categoria. Brasil, 2010-2021.

A Figura 1 mostra que quase 40% dos trabalhos que citam Stuart Hall foram considerados como tendo o autor como a principal referência. Isso se deve não apenas aos motivos expostos na descrição das categorias, mas também à distribuição das citações no corpo do texto. Os trabalhos classificados na categoria "Referência Principal" têm como diferencial o fato de que as citações do autor não se limitam a uma parte específica das teses e dissertações, mas estão distribuídas por todo o texto, o que indica um movimento de reafirmação de posicionamentos do autor. Esses pesquisadores utilizam os conceitos de forma analítica em uma argumentação bem estruturada e, de certa forma, "vão à guerra" com as ideias de Stuart Hall.

Além disso, observou-se uma repetição no uso de certos conceitos por parte dos trabalhos nessa categoria, incluindo conceitos "consagrados" do autor, como *identidade*, *sujeito descentrado* e *sistema de representação*, bem como outros conceitos menos conhecidos, como *sujeito como categoria enunciativa*, *articulação* e *efeito de fronteiras*.

Conceitos funcionam e fazem funcionar uma certa forma de pensar, de apreender a realidade, uma maneira de conceber a existência, ou seja, expressam uma concepção ontológica. Assim, tais pesquisadores que incorporam o esquema conceitual de Hall com maior afinco, enunciam de maneira próxima a do autor, articulam a experiência e formulam o seu método com maior proximidade. A nossa investigação é uma pesquisa sobre formas, a

forma de uma pesquisa é o seu método – ou muitas vezes o seu não-método. Retomaremos essa discussão sobre formas um pouco mais adiante.

A segunda categoria construída é a “Referência Secundária” e representa quase 30% dos trabalhos analisados. O que sustenta a categoria, como um efeito de fronteira em relação à primeira, é a não generalização das citações do autor pelo corpo das teses e dissertações, ou seja, o uso específico das referências do Stuart Hall é a sua distinção. Os trabalhos aqui alocados são marcados pelo uso de Hall em uma parte específica, como na introdução ou nas considerações finais, mas também pela citação de outros autores da corrente teórica pós-colonial, como Homi Bhabha, Avtar Brah, Frantz Fanon, Achille Mbembe, Veena Das, e autores da filosofia da diferença, dentre eles, Jacques Derrida, Michel Foucault, Judith Butler e Paul Preciado. As repetições de conceitos aqui têm um caráter um pouco diferente, pois aparecem conceitos que, embora mais frequentes em Hall, também compõem o léxico dos outros autores da mesma escola teórica, como: *identidade/identificação, estereotipização, regime de representação, discurso nacional, diáspora, dispositivo discursivo, différence*.

A categoria "Nuvem de Autores", representando cerca de 20% do corpus analisado, surge devido à referência ao autor ocorrer juntamente com outros autores em uma sucessão ou em proximidade no texto, como se fosse um efeito de "revisão bibliográfica". Nesse caso, diversos autores que escrevem sobre um determinado assunto aparecem quase que canonicamente agrupados, como uma forma de demonstrar a revisão da literatura e o embasamento teórico do trabalho. Essa categoria evidencia uma certa forma de fazer ciência, uma regulamentação do fazer científico e, conseqüentemente, um método. O exame das instituições de controle, nesse caso a universidade, sobre a produção científica que produzem um modelo hegemônico, um cartesianismo que precisa ser seguido para obter a validação institucional.

A categoria "Hall Comentador", representando apenas 1/23 dos trabalhos analisados, se destaca pelo uso específico que é feito de Stuart Hall. Nessa categoria, encontramos citações em que Hall comenta ou cita outros autores, sendo uma espécie de citação secundária. Isso inclui a leitura de Hall sobre a obra de determinado autor, como é o caso da leitura de Stuart Hall sobre Frantz Fanon, por exemplo. Nesse tipo de citação, o foco está na interpretação e análise feita por Hall sobre o trabalho de outros autores, o que demonstra como o pensamento de Hall é relevante para o entendimento de diferentes teorias e perspectivas.

A última categoria, intitulada "Citação Diminuta", representa cerca de 13% do corpus analisado e se refere ao uso de conceitos do autor de maneira muito breve e focada em um aspecto específico do conceito ou em alguma crítica ou apontamento de Hall. Essas citações são concisas e não abrem espaço para uma discussão mais aprofundada ou para explorar outras concepções do autor. Nessa categoria, o conceito mais utilizado é o de *identidade* ou *identificação*, mostrando como esse conceito é relevante e recorrente nas análises dos pesquisadores que citam Hall. Além disso, algumas citações também mencionam uma crítica feita por Hall (2017) a Michel Foucault (1987) sobre o fechamento da agência pelo poder disciplinar. Esses usos dos conceitos de Hall são mais pontuais e não exploram todo o arcabouço teórico do autor, mas sim utilizam partes específicas de sua obra para fundamentar argumentações específicas.

Essas categorias demonstram a diversidade de formas como o pensamento de Stuart Hall é apropriado e utilizado pelos pesquisadores nas teses e dissertações analisadas. Cada categoria revela uma abordagem diferente na forma de citar o autor e na extensão da análise feita de sua obra. Isso mostra como o pensamento de Hall é versátil e pode ser aplicado de diversas maneiras na construção do conhecimento em sociologia das relações raciais.

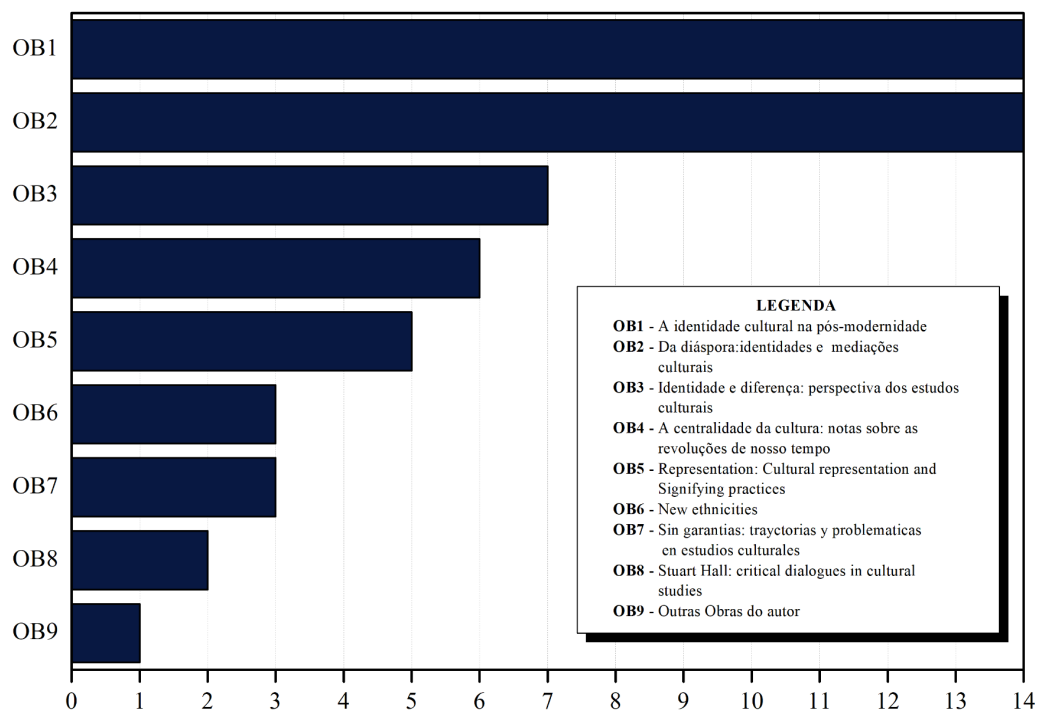


Figura 2: Frequência em que as obras do autor são citadas nas teses e dissertações analisadas. Brasil, 2010-2021.

A figura 2 demonstra a diversidade de escritos de Stuart Hall utilizados em todas as pesquisas analisadas, somando um total de 18 obras distintas referenciadas. É importante

pontuar que algumas obras, como “Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales”, foram citadas em diferentes edições e em diferentes línguas. Porém, para efeito de demonstrar a diversidade de obras, as diferentes edições de um mesmo texto foram consideradas como uma mesma unidade da obra do autor.

A figura 2 ainda releva a quantidade de referências que cada obra teve nas 23 teses e dissertações analisadas. As obras “Da diáspora: identidades e mediações culturais” e “A identidade cultural na pós-modernidade” aparecem em 60% das pesquisas investigadas. A elevada quantidade de referências a essas duas obras talvez se deva à publicação de suas versões em português, a saber, “Da diáspora: identidades e mediações culturais”, organizada por Liv Sovik, e “A identidade cultural na pós-modernidade”, traduzida por Tomás Tadeu da Silva. A tradução e publicação de uma obra em determinada língua é um dos principais pontos de difusão de um pensamento ou autor, pois, para ser citado, é necessário que o autor seja lido e a disponibilidade da obra em uma determinada língua amplia seu alcance e possibilita sua inclusão nos trabalhos acadêmicos.

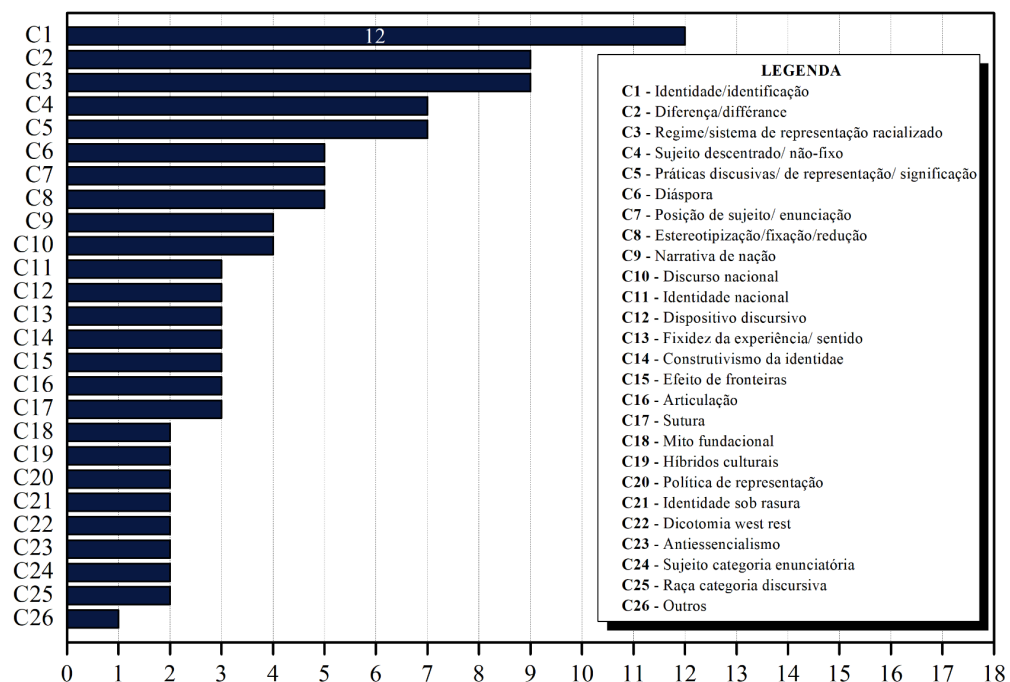


Figura 3: Frequência em que os conceitos de Hall são citados nas teses e dissertações analisadas. Brasil, 2010-2021.

A figura 3 apresenta a frequência com que cada conceito encontrado durante a investigação das citações ocorre no corpus de teses e dissertações analisadas. É importante notar que nem todos os conceitos listados são necessariamente cunhados por Stuart Hall, mas

representam os termos acionados dentro da unidade de análise das pesquisas, ou seja, os parágrafos anteriores, a própria citação do autor e os parágrafos posteriores. Dessa forma, mesmo que alguns termos não sejam diretamente atribuídos a Hall, eles têm uma relação argumentativa com a referência de sua obra. A figura 3 destaca os conceitos citados mais de uma vez, no total, foram elencados 54 conceitos diferentes, desconsiderando divergências como o uso no plural ou singular, preposições diversas e outras ocorrências dessa ordem. A maioria dos conceitos, no entanto, faz parte do repertório intelectual do autor Stuart Hall.

É inegável que existe uma relação com os principais conceitos utilizados e as principais obras referenciadas. Não é por acaso que o conceito de *identidade/identificação* ressoa como o mais utilizado, sendo também uma ideia que percorre a maioria, senão todas, as obras do autor, embora enfatizada na obra “A identidade Cultural na Pós-Modernidade”. Há também as noções de *différance* e *sistema de representação*, que são concepções basilares do pensamento do autor e muito reiteradas na obra “Da diáspora”.

O mapeamento dos conceitos utilizados pelos pesquisadores é importante, pois, como afirmamos brevemente antes, conceitos funcionam e fazem funcionar uma certa forma de pensar e de conceber a existência. Os conceitos são indissociáveis dos corpos de quem os produz, principalmente pela oposição epistemológica que o pós-colonial aciona à noção modernista de ciência. Essa localização política dos conceitos é de extrema importância para a compreensão significativa daquilo que se quer dizer e de como se diz; é entender a produção científica como uma expressão articulada pelas forças que marcam a subjetividade de quem escreve. Os conceitos conectam-se às experiências, estão ligados aos momentos históricos, ao corpo e ao território geográfico.

Os conceitos de *identidade/identificação* são categorias que estão profundamente calcadas na concepção de *sujeito descentrado*. Sendo assim, revelam uma dimensão performática e instável da identidade, um efeito de negociação de forças e acontecimentos, ou efeito de *suturas* na gramática de Hall. Categorias identitárias acionadas por esse modelo de pensamento têm a sua definição atrelada a elementos contextuais de determinado território, não podem ser universalizadas nem generalizadas para outras investigações. A identidade racial, nesses casos, são específicas porque invocam uma historicidade das relações de significação nas quais elas pertencem ou se formam, emergem de um determinado território e da relação das forças e sujeitos em tal espaço. Isso revela a potencialidade imanente desse modo de pensar para as categorias sociológicas. Dessa forma, as categorias deixam de ter um apelo exotérico e distante e passam a ter um lastro material com a realidade analisada.

A próxima seção busca se aprofundar na discussão sobre a distinção epistemológica que os conceitos trazem para o fazer científico, examinando como eles moldam o pensamento e como podem abrir novas perspectivas de investigação e interpretação da realidade.

5 DISCUSSÃO: o problema do sujeito e a identidade

O problema do sujeito e da identidade tem sido uma questão central no pensamento moderno e na Sociologia. Ao longo da história, diferentes concepções sobre o sujeito humano e a identidade foram desenvolvidas e influenciaram o pensamento social. O objetivo desta seção é trazer uma discussão a respeito da maneira como o problema do sujeito e a identidade são modelados pelo pensamento moderno, e em específico, como a Sociologia apropriou-se de tais concepções dentro da teoria social.

De acordo com Stuart Hall (2006), o problema do sujeito e da identidade está intrinsecamente relacionado ao contexto histórico e às transformações sociais na modernidade. Inicialmente, a concepção do "sujeito humano" era fundamentada na ideia de um eu individual e estável, centrado em si mesmo, com uma identidade fixa e coesa. Esse sujeito centrado era visto como autônomo, racional e capaz de tomar decisões de forma independente. No entanto, na modernidade tardia, as transformações sociais, políticas e culturais começaram a desafiar essa concepção de sujeito centrado. Processos como globalização, migração, diáspora e pluralidade cultural trouxeram à tona a diversidade e a fragmentação das identidades individuais e coletivas. As experiências de marginalização, diáspora e colonização também contribuíram para a emergência de novas formas de subjetividade que não se encaixavam mais na ideia do sujeito centralizado e homogêneo.

Nesse contexto, a Sociologia também passou por uma mudança de paradigma, e a apropriação das concepções de *sujeito descentrado* e *identidade fragmentada* se tornou uma abordagem crucial para entender as dinâmicas sociais contemporâneas. Stuart Hall foi um dos teóricos que contribuiu para a introdução dessas novas concepções no pensamento sociológico. Ele enfatizou a importância das relações de poder, das diferenças culturais e das experiências de subalternidade na construção das identidades sociais. Sua obra "Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais"(2003) é um exemplo relevante desse movimento de descentramento do sujeito e de reconhecimento da diversidade cultural na Sociologia.

O diagnóstico de Mbembe (2014) sobre a tendência do pensamento ocidental em entender a identidade de maneira narcísica, como um espelho, é uma crítica significativa à tradição filosófica que valoriza a unidade, a essência e as verdades eternas. O autor aponta

que, desde a filosofia ática, existe uma oposição entre a concepção platônica da unidade do ser e da verdade, e a tese heraclitiana que enfatiza a mudança e a diferença como essência das coisas. Reafirmando a posição de Mbembe, o caminho escolhido pela filosofia continental foi o de Platão, pelo menos até o século XIX, buscando estabelecer verdades universais e imutáveis, identidades fixas e essências estáveis das coisas. Esse modo de pensar foi refletido na modernidade, onde a racionalidade e o pensamento científico baseado no racionalismo ganharam força. Assim, aquilo que hoje chamamos de modernidade é a continuação de uma tradição filosófica pautada na identidade, um pensamento que busca as verdades eternas e imutáveis, as suas essências.

O racionalismo como doutrina científica já estabelecida no século XVIII encarna todos os predicados dessa filosofia da identidade. O pensamento racionalista é baseado num conceito abstrato de centralidade; tendo a razão como seu centro e o mundo como seu objeto, tornando-o reconhecível através das faculdades da razão. Contudo, a razão não pode conhecer a si mesma, uma vez que preza pela dicotomia corpo/mente. A razão enquanto substância pensante não possui meio de se justificar, assim a sua única validação é a dúvida metódica, o modelo cartesiano. Esse núcleo do pensamento racionalista se sustenta apenas pela concepção metafísica de razão que, em suma, justifica a si mesma unicamente pelo método cartesiano.

5.1 Sujeito Descentrado e o Rizoma

De fato, a genealogia da ideia de subjetividade propostos por Stuart Hall em "A identidade Cultural na pós-modernidade" (2006) é fundamental para compreender as transformações na forma como entendemos e conceituamos a subjetividade na teoria social. Hall destaca três modelos distintos de concepção de subjetividade: o sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito descentrado.

- (1) Sujeito iluminista: modelo que emerge durante o século XVIII e é caracterizado pela visão do indivíduo como um ser centrado, unificado, dotado de razão e consciência. O sujeito iluminista é concebido como um indivíduo racional e autônomo, cuja essência permanece a mesma ao longo da vida. Esse conceito de sujeito está intimamente ligado à tradição filosófica ocidental, que valoriza a ideia de identidade fixa e estável.
- (2) Sujeito sociológico: com o desenvolvimento das ciências sociais, especialmente da sociologia, a ideia de sujeito passa a ser entendida de forma mais complexa e

relacionada aos contextos sociais e culturais. O sujeito sociológico é concebido como um produto das relações sociais, moldado pelas estruturas e instituições sociais. Nesse modelo, a identidade do sujeito é influenciada por fatores externos, como classe social, etnia, gênero, cultura, entre outros.

- (3) Sujeito descentrado: com a influência da psicanálise e das correntes pós-estruturalistas, o conceito de sujeito passa a ser descentrado, ou seja, desvinculado de uma essência fixa. Esse modelo enfatiza a fragmentação e a multiplicidade do sujeito, ressaltando a influência do inconsciente, das emoções e das experiências subjetivas na formação da identidade. O sujeito descentrado é caracterizado pela ausência de uma identidade fixa e coesa, sendo permeado por contradições e instabilidades.

Propomos aqui a justaposição entre os modelos da concepção de subjetividade com as ideias de Guattari e Deleuze, para assim delinear possíveis linhas de convergência e divergência entre os autores. Guattari e Deleuze (1996) também criticaram a concepção iluminista do sujeito e propuseram uma visão descentrada e processual da subjetividade. Essa análise dos modelos de subjetividade e sua relação com o pensamento de Guattari e Deleuze pode fornecer subsídios para compreender as diferentes abordagens teóricas presentes nas pesquisas analisadas no corpo de trabalho, pois é partindo de um modelo ontológico de sujeito que surgem as categorias de análise. Ao traçar essas linhas de conexão, é possível identificar as concepções paradigmáticas que norteiam as reflexões sobre as relações raciais e a identidade cultural na sociologia contemporânea, bem como as formas como essas concepções se refletem na produção científica e nas formas de pensar e conceituar a realidade social. Trazemos também uma ilustração a fim de elucidar de maneira visual as diferenças entre os modos de concepção da subjetividade.

Primeiro propomos a associação entre o modelo de pensamento da *raiz pivotante* de Deleuze e Guattari e o *sujeito iluminista* descrito por Stuart Hall. Justaposição que seria relevante para compreender como a concepção do sujeito centrado e racional do Iluminismo se reflete em modelos de pensamento que buscam uma totalidade, uma essência indivisível e uma direção progressiva.

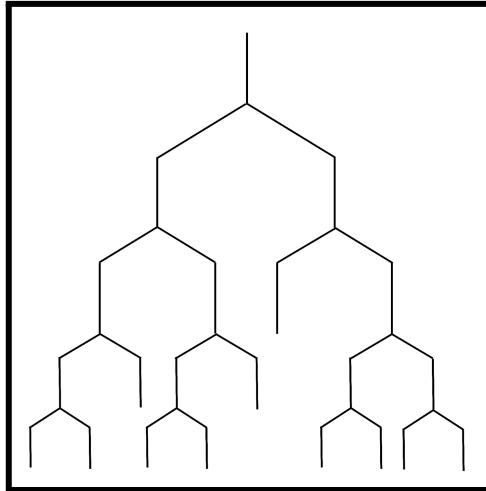


Figura 4: Raiz Pivotante (Fonte: elaboração própria)

O modelo arbóreo de pensamento, representado pela raiz pivotante, é o primeiro modelo de pensamento que Deleuze e Guattari descrevem em *Mil Platôs* (1996). É um reflexo do sujeito iluminista, que é concebido como um indivíduo centralizado, unificado e dotado de razão. Assim como o pensamento arbóreo busca uma totalidade através de bifurcações e pivôs, o sujeito iluminista busca a unidade e a essência através da razão e da consciência. Como a figura 4 demonstra, as raízes do modelo arbóreo seguem por bifurcações para uma unificação no seu fim; exemplos de pensamentos arbóreos são as categorias aristotélicas ou os quadros darwinianos que representam a evolução das espécies. Esse modelo de pensamento encontra expressão com a sociologia positivista de Comte (1983), em que a *Lei de Três Estados* era tido como princípio universal para explicar o funcionamento da sociedade e a direção do progresso humano.

O segundo modelo de pensamento anunciado por Deleuze e Guattari (1996) é a *raiz fasciculada* ou *sistema radícula*. Nesse modelo a raiz não possui extremidade, como na raiz pivotante, seu “eixo” não existe pois o sistema radícula possui uma multiplicidade de raízes secundárias deflagradas que se conectam entre si, contudo em dimensões diferentes, uma unidade que leva à outra unidade, uma pseudo multiplicidade.

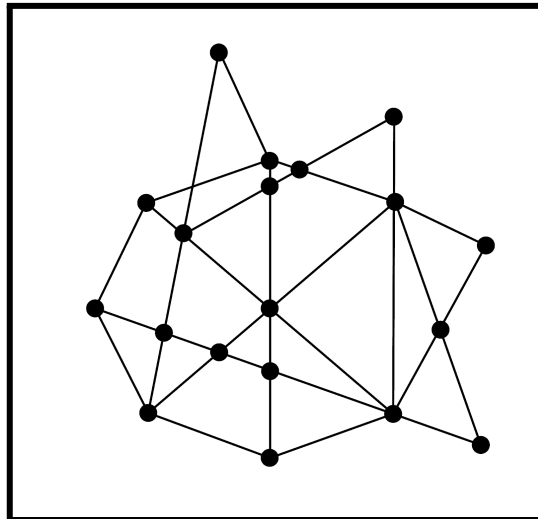


Figura 5: Raiz Fasciculada ou Sistema Radícula (Fonte: elaboração própria)

Comparamos o *sistema radícula* com a proposição de *sujeito sociológico* de Hall. Na sociologia, encontramos como expressão do *sistema radicular* a complexa relação entre indivíduo e sociedade do pensamento de Durkheim (1979), modelo que conduz a multiplicidade e a diferença por um sistema de complementaridade e unidade. Na sociologia de Durkheim, a relação entre indivíduo e sociedade é concebida como uma interdependência, onde a sociedade não é simplesmente a soma dos indivíduos, mas um sistema composto por indivíduos que interagem e se influenciam mutuamente. Essa concepção ilustra o *sistema radicular*, onde as raízes secundárias se conectam entre si em dimensões diferentes, formando um conjunto complexo de relações. No entanto, esse sistema ainda mantém uma lógica de unidade e complementaridade, em que a sociedade é vista como uma unidade de totalização em um nível superior: que unifica um conjunto de sujeitos; e o indivíduo é uma unidade de totalização em um nível inferior: que unifica a própria subjetividade, um eu a priori.

Deleuze e Guattari (1996) apontam que a maior parte dos métodos modernos tende a fazer proliferar uma multiplicidade numa direção, ou seja, operam através de uma lógica de repetição e identidade. Isso também pode ser observado na sociologia de Durkheim (1979), onde a ideia de uma sociedade unificada e coesa prevalece sobre a diversidade e a diferença entre os indivíduos. Cada unidade, seja o indivíduo ou a sociedade, opera como uma repetição, do uno subjetivo ao uno coletivo, não há espaço para a diferença, dissidência ou para o erro. A diferença é capturada e subordinada ao sistema que busca a totalização seja numa dimensão superior (sociedade homogênea) seja na inferior (indivíduo coeso e racional).

Dessa maneira a diferença como uma afirmação de si mesma não é possível, já que as unidades no sistema operam de maneira complementar. Não existe sociedade sem indivíduos,

tampouco o contrário: cada unidade opera como uma repetição do mesmo; aquilo que foge, que escapa, que não está prescrito, não encontra espaço nessa expressão sociológica. Um exemplo dessa exclusão epistemológica é a experiência da diáspora africana, que não encontra espaço de representação nesse esquema sociológico, aparecendo apenas como uma re-representação já sob o significante de negro ou mestiço.

O terceiro esquema do pensamento é o *rizoma*, proposto por Deleuze e Guattari (1996, p. 13), o qual apresenta uma ruptura com os modelos de pensamento anteriores, com a *raiz pivotante* e o *sistema radícula*. O *rizoma* é uma estrutura a-centrada e não hierárquica, onde o múltiplo é criado não através da adição de dimensões superiores, mas sim no mesmo plano de imanência, lado a lado. Nesse sentido, o rizoma é uma forma de fazer o múltiplo sem subordinar a diferença a uma unidade superior, permitindo que o uno e o múltiplo coexistam (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 13), e por isso esse modelo pode suportar em si tanto a *raiz pivotante* quanto o *sistema radícula*.

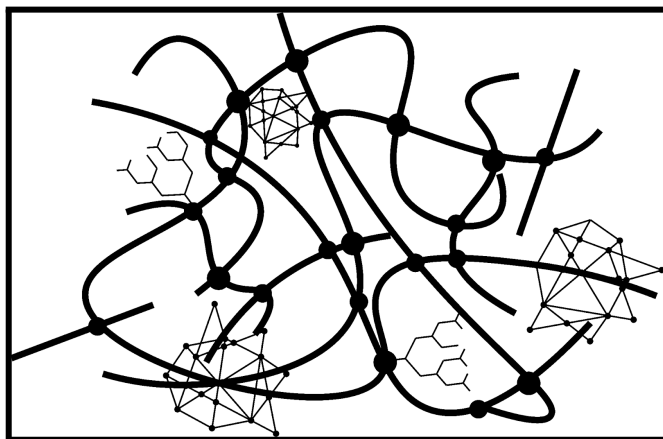


Figura 6: Rizoma (Fonte: elaboração própria)

Uma das principais características do rizoma é a sua natureza não-linear, não começando nem concluindo, mas sempre se encontrando no meio, *intermezzo*. Isso significa que o *rizoma* não possui uma estrutura fixa ou pré-determinada, mas é flexível e aberto a conexões e possibilidades múltiplas. Os elementos do *rizoma* estão conectados por *linhas de fuga* que permitem a constante transformação e rearranjo das relações. Tais linhas podem ser traduzidas para a gramática de Hall como as enunciações que criam sentido, ou que representam algo pela linguagem em determinado regime de representação; contudo é importante pontuar que o esquema rizomático abarca além de relações significantes as expressões a-significantes, como afirma os autores (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 14).

Existem seis princípios apresentados por Deleuze e Guattari: conexão, heterogênea, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania¹. Cada um desses princípios reforça a ideia de uma estrutura não hierárquica, aberta à diferenciação, que permite a emergência de multiplicidades e diferenças sem a necessidade de uma unidade central.

Queremos também, fazer a aproximação do conceito de *rizoma* com a noção de *sujeito descentrado* de Hall (2006; 2017), pois ambos conceitos compartilham a ideia de movimento, multiplicidade e não fixidez. Assim como o *rizoma*, a noção de sujeito proposto por Hall (2006; 2017) é uma estrutura a-centrada, que se encontra sempre no meio, na fronteira; o *sujeito descentrado* também é mutável, sendo um efeito das relações semióticas e discursivas com as quais se envolve; interpelado a todo momento a se posicionar frente certa estrutura discursiva, e que, quando se posiciona apenas sutura o seu posicionamento, nunca chegando numa estabilidade normativa. A noção de identidade como performática, mencionada por Hall (2006), destaca que a identidade não é um estado estável e imutável, mas sim um processo em constante movimento e transformação. Ela não é algo dado a priori, mas sim construída e reconstruída através das interações com as estruturas discursivas e culturais do mundo. Isso se alinha com a ideia de que o *rizoma* não tem uma origem ou destino fixo, mas se desdobra em múltiplas direções e conexões.

A abordagem de Hall em "Policing the Crisis: Mugging, the State and Law and Order" (1978) também reflete essa perspectiva descentrada e rizomática. Em sua pesquisa sobre os assaltos em Birmingham, Hall não parte de uma concepção prévia ou linear, mas sim segue um fluxo semiótico, explorando as conexões e interações entre diferentes eventos e contextos. Essa abordagem permite que ele entenda as complexidades e multiplicidades das questões sociais em análise, em vez de reduzi-las a uma única explicação ou causa. Em "Policing the Crisis", Hall toma a crescente percepção britânica de caos social como início da sua pesquisa a respeito dos assaltos em Birmingham. Ele entende o assalto realizado por alguns garotos imigrantes em um pub como ponto de início, ou provocação. É interessante que o autor não possui posicionamentos prévios, ou uma concepção sucessiva racionalista. Ele segue um fluxo que se inicia nesse caso de assalto, que segue para a delegacia, para manchetes de jornais, etnografias no tribunal e acontecimentos políticos e econômicos em terras britânicas. Ousamos dizer que, ao que tange à questão metodológica, a sua contribuição de maior destaque seja o circuito da cultura (HALL, 1997), maneira pela qual conduz as suas pesquisas.

¹ Para maiores detalhes dos seis princípios do rizoma ver (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 14).

O método de investigação de Stuart Hall se assemelha aos princípios do rizoma propostos por Deleuze e Guattari, de maneira que para nós se relacionam da seguinte forma com a abordagem metodológica de Hall:

- (1) Conexão e heterogeneidade: Hall não busca partir de uma unidade pré-determinada em direção a uma totalidade. Em vez disso, ele segue as conexões e fluxos semióticos que o levam a diferentes objetos e sujeitos de estudo, independentemente de sua natureza ou origem. Essa abordagem aberta e heterogênea permite que Hall explore a multiplicidade de aspectos e experiências relacionadas ao seu objeto de pesquisa.
- (2) Multiplicidade e ruptura a-significante: O método de Hall não busca seguir uma lógica predefinida ou uma sequência linear de análise. Ele está disposto a aceitar as rupturas e descontinuidades que surgem em sua pesquisa, permitindo que as experiências e eventos a-significantes o levem a novas direções e compreensões. Essas rupturas podem abrir caminhos inesperados e revelar aspectos não considerados anteriormente.
- (3) Cartografia e decalcomania: Assim como o rizoma não possui um centro fixo, a abordagem de Hall é mais como uma cartografia do que um mapa tradicional. Ele não impõe uma ordem hierárquica ou uma estrutura linear em sua pesquisa, mas sim mapeia as múltiplas conexões e relações entre os elementos de seu objeto de estudo. Essa abordagem cartográfica permite que ele explore a complexidade e a diversidade do fenômeno social que está investigando.

A própria experiência pessoal de Stuart Hall pode ser lida como uma das cadeias semióticas que se conectam com a sua produção acadêmica: a sua experiência enquanto sujeito diaspórico, que podemos entender como uma expressão do inter-ser; uma subjetividade híbrida à margem de posicionamentos hegemônicos, da repetição, de uma fixação essencial. Essa cadeia semiótica atravessa o seu corpo, e agencia a sua produção acadêmica (Borda, 2015). Também explicitamos que por cadeias semióticas, nos apropriando do pensamento de Hall (1997), são as próprias relações de significação pelas quais navegamos na vida, a experiência de um corpo no mundo é atravessado a todo momento por estas relações de significação, poder e diferenciação.

De fato, não pretendemos afirmar que a prática conceitual do arcabouço metodológico de Stuart Hall seja completamente rizomática. No entanto, observamos traços de semelhança entre suas condutas, ou sua ética, e a filosofia da diferença proposta por Deleuze e Guattari. Essa conexão é evidenciada pelo fato de Hall se inspirar na filosofia da diferença para fundamentar suas colocações. Embora o *rizoma* não seja a figura estética que expressa diretamente o pensamento de Stuart Hall, é inegável que sua produção acadêmica possui características *rizomórficas*. Ao escolher objetos "subalternos" ou experiências cotidianas como pontos de partida para suas análises, Hall desafia a noção tradicional de "objetos científicos" e mostra que é possível produzir conhecimento robusto e significativo a partir de perspectivas aparentemente marginais. A disputa sobre quais objetos são considerados "científicos" e quais não são refletem a natureza racionalista do discurso científico ocidental logocêntrico, como demonstra Derrida (1976).

O *rizoma* como modelo ontológico que fundamenta a ideia de sujeito descentrado não é uma importação alienígena, como alguns desavisados podem conjecturar. O multinaturalismo, como afirma Viveiros de Castro (2015, p. 22) não é uma importação teórica, antes é a perspectiva ontológica ameríndia e diz respeito à concepção de mundo autóctone nas américas. O trabalho antropológico, ou filosófico, realizado pelos pensadores do continente só foi possível através da alteridade, cuja colonização foi a força motriz. É certo que a diferença já tracejou o pensamento ocidental em autores como Heráclito, Leibniz e Nietzsche, mas sempre como um caminho menor, o não hegemônico. Diferente do cenário descrito por Lévi-Strauss (2004) a respeito do modo de vida nas américas, onde todos os entes eram dotados de alma, onde a diferença não era subjugada à identidade.

O *rizomorfismo*, predicado que adereçamos ao modelo sociológico de Hall, é um adjetivo que Gilroy (2001) usa ao descrever a expressão estética da diáspora negra, principalmente ao que concerne à sua expressão musical: como o jazz e o blues. Glissant (1997, p. 11) também é um autor caribenho que se aproxima do *rizoma* de Deleuze e Guattari ao propor a *opacidade* como um novo esquema estético-político no que ele vai chamar de *poética da relação*. Assim, como forma de legitimar o nosso ponto de vista, as bases ontológicas que apoiam as concepções de *rizoma* e *sujeito descentrado* – cuja a Diferença é o seu princípio maior, estão geopoliticamente localizadas no sul global, e por isso alegamos que faz coro com um movimento de descolonização epistemológica.

Posto isto, com essa aproximação, Hall além de descentralizar o sujeito, acaba também descentralizando a própria metodologia, – aqui recuperamos uma ideia já anunciada. É pela

ética conceitual do autor que se inverte a etimologia da palavra método, *metá-hódos* para *hódos-metá*. No sentido de que, não há como traçar um caminho prévio, o seu método é na verdade uma ação: a performance de seguir as cadeias discursivas, as experiências diaspóricas, os fluxos; examinar as suas relações de significação, de poder, em quais significantes da diferença elas se acoplam; desconstruir as verdades eternas de raça, de estado-nação, de gênero. Em suma, a produção acadêmica de Stuart Hall demonstra uma aproximação *rizomórfica*, aberta a múltiplas conexões e sem se fixar em uma unidade ou totalidade pré-determinada, o que o torna um importante contribuinte de uma sociologia imanente para a teoria social contemporânea.

6 CONCLUSÃO

O que defendemos como síntese a partir da análise feita dos trabalhos de sociologia recentes, tendo em vista as aproximações e a discussão em torno da sociologia de Stuart Hall, é que o seu empréstimo por parte dos pesquisadores contemporâneos traz consigo uma potencialidade para a Sociologia Brasileira de um descentramento, não só da ideia de raça, deslocando-a de uma vertente da *representação*; mas também do seu método. Percebemos que quanto maior o protagonismo de Stuart Hall nos trabalhos estudados, menor também é o uso de autores do cânone brasileiro sobre o pensamento racial, tendo como dois grandes expoentes Gilberto Freyre (2006) e Florestan Fernandes (1965). É como se ao utilizar Hall nos trabalhos recentes, os pesquisadores de alguma maneira assimilam o *rizomorfismo*, ou o descentramento metodológico do autor. Nesse sentido, passam a interagir com a racialidade em seus trabalhos de maneira a desconstruir posicionamentos rígidos e a-históricos.

Dessa forma, torna-se "incompatível" aderir ao ideal de Freyre (2006) sobre a racialidade brasileira, a *Democracia Racial*. Assim como com o posicionamento de Fernandes (1965), de que o racismo está em curso de sua extinção na transição para uma sociedade "moderna". A perspectiva construtivista de Hall imprime nos trabalhos que o recepcionam um caráter relacional, a construção do significado da racialidade em determinados contextos frente à uma multiplicidade de fatores, eventos e forças. É como uma ética que se afirma na experiência, que por sua vez é articulada como uma linha que segue pelas mais diversas facetas da vida. Os estereótipos, ou as narrativas reduzidas sobre o "negro", não são suficientes para compreender o processo da produção de significado, e as relações hierárquicas que tal posicionamento emite socialmente.

Observamos que há um frequente questionamento do que a categoria "negro" significa

nos diversos trabalhos analisados. Tal problematização faz com que os pesquisadores não assumam uma posição a priori sobre a categoria, no sentido de que o “negro” em diferentes contextos e circunstâncias é um significante obvio e autoexplicativo, pelo contrário, percebe-se que a categoria negro na sociologia contemporânea é um grande significante que abarca uma diversidade de experiências: muitas vezes é a problematização da categoria, e não ela mesma, que produz explicações potentes dentro das análises.

É nesse momento que a descentralização do sujeito, o “negro”, se torna uma descentralização metodológica, pois partindo dessa problematização a pesquisa toma novos contornos e direções antes não previstos. O negro deixa de ser uma *caixa preta*, um fato consumado, como Latour (1997) aponta sobre as “descobertas científicas”. Em vez disso, o autor demonstra como por detrás de “fatos” há jogos de poder, acontecimentos e expressões diversas. A *caixa preta* é aberta e os percursos que levam a tal purificação, ou à uma *molarização* em detrimento da sua natureza *molecular*, dizendo em gramática deleuze-guattariana (1996). Buscar a diferença afirmando a si mesma no território passa ser o mote metodológico: *faz-se hódos-metá*.

Por fim, pensamos que a contribuição de Hall, e por conseguinte da crítica Pós-Colonial para a Sociologia Brasileira, é justamente essa lente crítica que desloca o quadro cognitivo hegemônico nas Ciências Sociais, produzindo um solo fértil para novas perspectivas e saídas. O Pós-Colonial, como afirma Sérgio Costa (2006), desconstrói, implode algumas das bases ocidentais da produção científica. Questiona verdades já bem sedimentadas do campo de visão das Ciências Sociais assim desestabilizando os edifícios teóricos construídos sob tais verdades. Pontos críticos e vitais para a renovação, no nosso caso, da Sociologia das Relações Raciais no Brasil.

Se uma das características da Ciência é fazer frente, ou existir sempre em relação a um senso comum, podemos pensar a Sociologia Crítica de base Pós-Colonial como uma força que opera nessa mesma razão relacional com o “cânone”, ou as vertentes hegemônicas da sociologia; produz uma fronteira entre uma sociologia do senso comum e uma sociologia crítica cuja criação é a mais ativa das suas forças.

7 REFERÊNCIAS

BOAS, F. **Race and Democratic Society**. New York: Biblio and Tannen, 1969 [1904].

BORDA, E. W. No Hall dos Estudos Culturais no Brasil. São Carlos: Repositório Institucional UFSCar, 2015.

CONNELL, R. **O Império e a criação de uma Ciência Social**. São Paulo: Edusp, 2018.

CONTE, A. **Curso de Filosofia Positiva (duas primeiras lições)**. Tradução de José Arthur Giannotti. In: Comte. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

COSTA, S. **Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial**. RBCS, Vol. 21 n°. 60, 2006.

_____. **The research on modernity in Latin America: Lineages and dilemmas**. Current Sociology, 67(6), 838–855, 2019. <https://doi.org/10.1177/0011392118807523>

CUNHA, M. **Negros estrangeiros: Os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, G. E GUATTARI, F. **Mil Platôs**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, v.1, 1996.

DERRIDA, J. **Of Grammatology**. Trans. Gayatri Chakravorty Spivak. Baltimore e Londres: Johns Hopkins University Press, 1976.

DURKHEIM, E. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FERNANDES, F. **A integração dos negros na sociedade de classes**. São Paulo: Do-minus, 1965.

FREYRE, GILBERTO. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GILROY, P. **Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Editora 34, 2001.

_____. **After Empire**: London: Routledge, 2004.

GLISSANT, É. **Poetics of Relation**. University of Michigan Press, 1997.

GUIMARÃES, A. (2003). **Como trabalhar com "raça" em sociologia**. Educ. Pesqui. vol.29 no.1 São Paulo Jan./June.

HALL, S. **Policing the Crisis: Mugging, the State and Law and Order**. London: MacMillan, 1978.

_____ **The West and the Rest**, in Hall, S. and Gieben, B. (eds) *Formations of Modernity*, Cambridge, Polity Press/The Open University, 1992.

_____ **Representation: Cultural Representation and Signifying Practices**. London: Sage publications, 1997.

_____ **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: editoria UFMG, 2003.

_____ **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____ In Mercer, K., & Gates, H. L. **The fateful triangle: Race, ethnicity, nation**, 2017.

_____ **Essential essays, Volume 1: Foundations of cultural studies**. Duke University Press, 2018.

LATOUR, B. E WOOLGAR, S. **Vida de Laboratório: A Produção dos Fatos Científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAWLEY, S. **Professor Stuart Hall (entrevista)**. Desert Island Discs. Programa da BBC Radio 4, 2000. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/programmes/p0094b6r>.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mitológicas**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. 1ª ed. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

OSÓRIO, R. Cap. 3 **Desigualdade racial e mobilidade social no Brasil: Um balanço das teorias**. In: *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição*. (org) THEODORO, M. 1ª ed. São Paulo: IPEA, 2008.

ORTIZ, R. **Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX**. In: *Cultura Brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 13-35

SCHWARCZ, L. "**Questão racial e etnicidade**". In: O que ler na ciência social brasileira (1970-1995) (org) MICELI, S. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.

SOVIK, L. **Stuart Hall – Notas dissonantes**. Questões Transversais, São Leopoldo, Brasil, v. 2, n. 4, 2015. Disponível em:
<https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/9622>. Acesso em: 1 ago. 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais: elementos de uma antropologia pós-estrutural**. Cosac & Naify, 2015.

TRIVINÕS, A. N. S. **Método de Análise de Conteúdo**. In.: Augusto Trivinõs, Introdução à pesquisa em Ciências Sociais. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 1990.